

Ademar dos Santos Lima – PPGL/UnB
Aline da Cruz – UFGO
Ana Júlia Miranda Castro – PPGL/UnB
Florêncio Cordeiro – SEMED/SGC
Rosineide Magalhães de Sousa – PPGL/UnB
(Organizers)

Mayé yamunhã būgu,

A sociolinguistic approach about the origin of wooden canoe

*Uma abordagem sociolinguística sobre a origem do
casco de madeira*

Written in the first language taught in the schools of Amazonia, called
Nheengatu – the good language and translated to Portuguese and English.

Escrito na primeira língua ensinada nas escolas da Amazônia Brasileira,
a chamada língua boa, o Nheengatu e traduzido para o Português e inglês.

MAYÉ YAMUNHÃ BŪGU

The origin of wooden canoe



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E
LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL
DOUTORADO ACADÉMICO EM LINGUÍSTICA

This work is part of complementary activities of the Qualitative Sociolinguistic Discipline of the Academic Doctorate Course in Linguistics, taught by Professor Dr. Rosineide Magalhães de Sousa of the University of Brasília (UnB).

Copyright © 2020 Organizers

Authors and illustrators of the chapter in Nheengatu:

Anderson Tomás Ferreira (Baré)
Clarêncio Bittencourt da Silva (Baré)
Deuclécio da Costa Gonçalves (Werekena)
Edenilson Mateus Gonçalves (Werekena)
Elizeu Cândido Jarumare (Werekena)
Ernandes Jarumare Cândido (Werekena)
Eufrasio Brazão (Wanano)
Francinil Cândido Jarumare (Werekena)
Genelson Silvano (Werekena)
Genilson Cândido Jarumare (Werekena)
Genivaldo Cândido Gonçalves (Werekena)
Jeremias Silvano Cândido (Werekena)
João Cândido Baltazar (Werekena)
Joilson de Oliveira Cândido (Werekena)
Jonilton Cândido Jarumare (Werekena)
Juscelino Tomás Cândido (Werekena)
Mardônio da Costa Gonçalves (Werekena)
Nilton Cândido Jarumare (Werekena)
Stélio Bittencourt da Silva (Baré)
Valdinei Euzebio Garrido (Baré)

Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora - Comunidade Anamuim - Alto Rio Xié, São Gabriel da Cachoeira, Amazonas - Brasil.

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL
Doutorado Acadêmico em Linguística

Brasília - 2020

Original title:

Mayé yamunhã bûgu: the origin of the wooden canoe

Subtítulos:

Uma abordagem sociolinguística sobre a origem do casco de tronco de madeira

A sociolinguistic approach about the origin of the wooden canoe

Publishing by: Cambridge Core/ Cambridge University Press

Cover and graphic design: Ademar dos Santos Lima

Review in Portuguese: Mara Cristina (Universidade de Brasília - UnB)

Typing of original: Prof. Humberto (Kurripako)

Review in Nheengatu: Prof. Florêncio Cordeiro (Baré); Prof. Sidinha G. Tomás (Werekena); Prof. Eliudi Américo (Baré, Boa Vista do rio Içana)

Portuguese language version: Ademar dos Santos Lima e Aline da Cruz

English language translation: Rosineide Magalhães de Sousa e Ana Júlia Miranda Castro

Illustrative figures: Alunos da escola indígena municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Imagens ilustrativas: Ademar Lima, Agusto Baniwa, Kim Puremanã e de domínio público.

Editorial board: Rosineide Magalhães de Sousa; Ademar dos Santos Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lima, Ademar dos Santos; Cordeiro, Florêncio; Cruz, Aline da; Castro, Ana Júlia Miranda; Sousa, Rosineide Magalhães. *Mayé yamunhã bûgu: uma abordagem sociolinguística sobre a origem do casco de madeira/organização*, Ademar dos Santos Lima, Aline da Cruz, Ana Júlia Miranda Castro; Florêncio Cordeiro; Rosineide Magalhães de Souza. 1. ed. Brasília – DF: Cambridge University Press, 2020, 79 p. (Sociolinguística e literatura).

Inclui bibliografia e índice

ISBN

1. Sociolinguística. 2. Literatura indígena. 3. Nheengatu. 4. Amazônia

All rights reserved to book writers and organizers.

Universidade de Brasília – UnB

Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília - DF

CEP 70910-900 | Telefones: (61) 3107-0610

Summary

Sumário

Prefácio	06
I. Mayé yamunhã būgu	09
I. Como construir o casco de madeira.....	24
II. Rakanga būgu	28
II. A origem do casco de madeira	28
III. Pisasú būgu	32
III. Os novos cascos de madeira	32
IV. Maiauesawa Nheengatu muatiresauanheenga	39
IV. Abordagem sociolinguística do Nheengatu	39
V. NHEENGAMUATIRESAWA	75
V. GLOSSÁRIO	75
VI. PAPERAMUNHANGAWA	77
VI. BIBLIOGRAFIA	77

Prefácio

Livro escrito originalmente na língua Nheengatu, português e versão em inglês é inspirado no texto construção do *bñgu* (casco de madeira) elaborado por alunos indígenas do ensino fundamental da Escola Municipal Indígena Nossa Senhora Auxiliadora, da comunidade de Anamuim, rio Xié, município de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, sob a orientação do Prof. Florêncio Cordeiro.

Posteriormente, o texto em Nheengatu produzido por esses alunos foi introduzido como texto de apoio desse livro organizado pelo prof. Ademar dos Santos Lima, doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB); Prof^a Dra. Aline da Cruz, da Universidade Federal de Goiás (UFGO); Prof. Florêncio Cordeiro, da Secretaria Municipal de Educação de São Gabriel da Cachoeira; Prof^a Ana Júlia Miranda Castro, mestrande em Linguística pela Universidade da Brasília (UnB) e Prof^a Dra. Rosineide Magalhães de Sousa, da Universidade da Brasília (UnB).

O texto escrito nos idiomas Nheengatu, português e inglês faz uma abordagem, a partir de uma concepção sociolinguística da história da origem do casco de tronco de madeira, um dos meios de transporte fluvial mais antigo da região amazônica, utilizado por indígenas e caboclos nas atividades de caça e pesca.

De acordo com historiadores como Németh (2011), o *bñgu* em Nheengatu, casco de tronco de madeira como é conhecido em português, foi uma das embarcações mais utilizadas para transporte de pessoas pelos rios e igarapés da Amazônia no período colonial, e até hoje ainda há indígenas e caboclos que utilizam o casco para pescar, caçar, transportar mantimentos e utensílios.

Sobre o uso desse tipo de embarcação, há o relato de Cristovão Colombo em seu diário de viagem de 26 de outubro de 1492, que ao chegar pela primeira vez em terras do Continente Americano, relatou que os indígenas andavam de canoas *almadiás*.

Não há relatos de quando surgiu o primeiro casco *bûgu* na Amazônia, mas se acredita que foi desde a primeira povoação ameríndia da região, pois o mais antigo barco que se tem notícia no mundo é a canoa de *Pesse*, uma canoa de tronco de pinheiro (*Pinus sylvestris*) escavado, construída entre os séculos 8.200 e 7.510 a. C. Esta canoa está no museu *Drents*, na cidade holandesa de *Assen*, Países Baixos.

Na Amazônia, o *bûgu*, casco de tronco de madeira evoluiu, e passou a se chamar canoa. A mudança não ocorreu só no nome, mas também no design, a canoa atual é composta de várias partes de madeira como: tábua, caibro, quilha, prego, parafuso e betume para calafeto. Diferente do casco que é feito de um único tronco de madeira e não necessita de betume, nem de prego e parafuso.

Certamente que houve uma grande evolução desde o primeiro casco até chegar à era das canoas. Assunto que trataremos no capítulo da evolução do casco de tronco de madeira.

Ainda nesse trabalho, analisamos também os aspectos sociolinguísticos de vocabulários utilizados na língua Nheengatu e que foram emprestados para o português. Desse modo, pretendemos também mostrar o quanto a língua mais falada na Amazônia entre os séculos XVII, XVIII e início do século XIX contribuiu para a formação da lexicografia do português brasileiro e para a toponímia da fauna e flora da região, assim como para a história e cultura dos povos da Amazônia.

Assim, ao escrevermos esse livro, não só pretendemos apresentar as histórias da região, mas mostrar também as riquezas das

diversidades culturais e linguísticas amazônicas num dos idiomas mais conhecidos na Amazônia, depois do português brasileiro.

O Nheengatu, ainda na variedade chamada de língua geral amazônica foi o idioma mais falado na Amazônia entre os séculos XVII, XVIII até 1877, quando perdeu sua hegemonia para o idioma português brasileiro.

Foi a primeira língua a ser ensinada nas escolas das vilas e missões da região amazônica por meio dos padres jesuítas e carmelitas.

É uma das línguas oficiais do município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, e falada por mais de 20 mil falantes numa extensa região geográfica, que vai desde o baixo rio Tapajós, município de Santarém, estado do Pará, municípios de Autazes, Careiro, Manaus, Novo Airão, Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas, e na região fronteiriça entre Brasil, Colômbia e Venezuela.

Para fazer parte dessa emocionante cultura amazônica, embarque também nessa viagem de canoa ao longo dos rios, paranás (pequenos rios), igarapés (afluentes) e igapós (pantanal) e descubra o fascinante mundo amazônico, ao mesmo tempo em que contempla as riquezas culturais e linguísticas de uma das regiões mais multilíngue do mundo - A AMAZÔNIA.

Nheengatu language

Capítulo I

Mayé yamunhã būgu

COMO CONSTRUIR O CASCO DE MADEIRA



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Uyupirūga ara upé, tausú taumaã nhaã mirá upitá waá iwaté upé. Tausemu kwemaité pee rupí taumaã arã nhaã mirá sã purãga té. Ape tauyupiru tauyutika nhaã mirá, sera waá Yaka-yaka. Asuí aikwé waá yepé ūbuesara taumunhã

igara. Umaã wã nhaã mirá. Asuí nhaã mirá upitá katusa suí kuayẽtu paraná ríbiwa suí.

Tausika taukupiri suaki rupí. Taumunhã mitá taupuderi arã tauyutika nhaã mirá. Ape tauyupiru tauyutika. Nhaã mirá katusa suí, kurasi usemuwa kití. Mairamé uwai wã tayupirú taumunusuka, asuí taumediri 17m ipukusa.

Ape té karuka, asuí takuerewã. Ape tayuiuwã tarẽda kití, taupitú arã xiga, taupurakí arã mukuïsa ara upé.

Mayé yamunhã būgu mukuīsa ara murakí upé



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Amū ara tausú yuiri tausú tauyumuyeréu arã nhaã
mirá, upitá arã yepeasu, tamunusuka arã mayé ipukusa.

Tayuka mirá mirí sesé arã uyenú nhaã būgu.

Asuí tauyupana iyara suí, asuí taulinhari mayetá ipukusa.
Ape upá kwá mukuīsa ara murakí būgu resewara.

Musapirisa ara murakí būgu resé



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Mira itá tausika ramé, mamé taupurakí waá upé būgu.
Taupikuí ikuara itá upitá arã iwasuima. Asuí tapikuí tasira
irũ.

Irūdisa ara murakí



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Irūdisa ara upé, tauba taupikuí ikuara. Ape panhẽ mira taumunhã mukuí mūti. Yepé mūti upurakí ií irū, taupikuí arã iwasú piri waá. Amũ mūti tasira irū taumusima ikwara.

5^{sa} ara murakí



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Tẽda wara itá, uyûbwesa itá, asuí upurakisa itá tausika
mamé taurakí waá. Nhaã ara, taibuñ mirá, tausiki arã bûgu.

6^{sa} ara murakí



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Tamuyepeasu tauyupana mirá, igara arã waá. Panhẽ
aítá taumoyeréu igara wasú taupuderí arã tauyupana igãti.
Asuí uyãbwesara itá taurasú arã taübeu tarumuara tasupé
arã.

7^{sa} ara murakí



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Mira itá tausiki būgu pee rupí. Amuitá tayuajudari tasiki xipú ipukú waá resé, uyupukuai būgu travesa resé tasiki arã té tamuwiýé paraná kití.

8^{sa} ara muraké



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Panhẽ aítá taupitá tausiki arã bûgu têda garapá upé.
Tunũ wara itá, Umaritiwa wara itá asuí Namuï wara itá
uyuiri tausiki arã bûgu sêda kití, mamé tausapí arã waá.

9^{sa} ara murakí



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Irūdi tuyu itá — sera waá Dário Afonso, Rui, Juarez
asuí José — tauyumuatiri taupurūgitá aítá paá taumukuara
arã nhaã būgu. Taumaã arã igrususa nhaã būgu igāití suí,
pitérupi, asuí yakumã.

10^{sa} ara murakí



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Tauyupirú taumuyepeasu būgu rībiwa upitá arā
yepeasu. Taumufinu katusa suí, kanhutu suí ií irū.

11^{sa} ara murakí



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Murakí pi ramé, taũba taupikuũ bûgu kwara. Muírira mira itá taupurakí nhaã ara upé. Asuí tausú tauyuka yepeá tausapí arã bûgu.

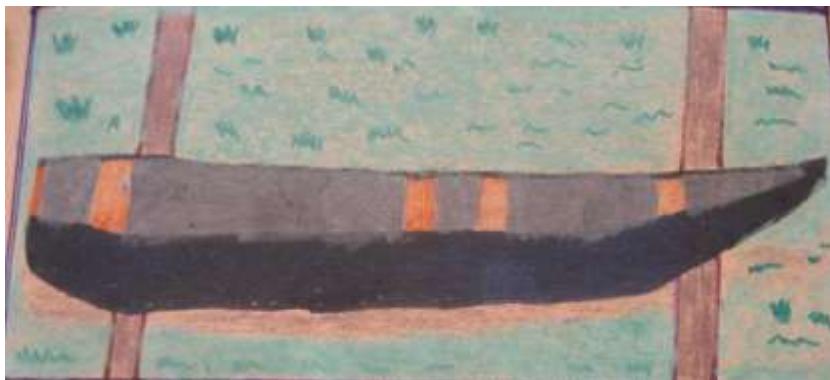
12^{sa} ara murakí



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Taumusikída pá riré, taumukuara waitá rapé kwé itá būgu resé. Ariré, taumunhã siía tatá, tausapí arã igara wasú. Yukwakú kwema ité, tausenui uyûbuesara itá tausapí arã bûgu. Mairamé taûba tausapí, taukarañ bûgu kwara, asuí ikupé rupí tauyusí arã tatá-punha.

13^{sa} ara murakí



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Taumunhã wapika rẽda itá igara wasú resé asuí yakumã pura mirá-pewa irü. Nhaã mirá aiúa íwa suiwara.

Taumunhã irüdi wapika rẽdawa itá itá-íwa suiwara. Nhaã bûgu umediri 19m. Yakumã pura mirá-pewa umediri 71,5 cm ilargusa. Asuí irudela tipisa 34,5 cm. Wapika rẽda, yakumã upé waá, umediri 93 cm. Amû wapika rẽda pitérupi wara umediri 132 cm. Mukuísa wapika rẽda umediri 126 cm ilargusa asuí igãti pura 75 cm ilargusa.

Anhuãte musapí mira itá taupurakí nhaã ara upé.

14sa ara murakí



Fonte: Alunos da Escola Indígena Municipal Nossa Senhora Auxiliadora

Mira itá tayatiri taumanhana igara wasú upuí paraná
kití. Asuí tamuyasa tauxari tēdawa Namuĩ ruaxara suí.
Yawé upá murakí būgu resewara.

Mupausawa!
The end!
Fim!

TEXTO EM PORTUGUÊS

Portuguese language

A construção do casco de tronco de madeira

1º. DIA

No primeiro dia de construção do *bñgu* (canoas), as pessoas foram ver uma árvore que ficava em terra firme, na parte central da mata. Saíram de manhã bem cedo e percorreram um longo caminho para averiguar se aquela árvore era mesmo boa para construção do *bñgu*.

Então, ao chegarem ao tronco da árvore, cujo nome era *yaka-yaka* (árvore que flutua) viram que era boa para a construção do *bñgu*, e começaram a cortá-la.

2º. DIA

No outro dia, saíram novamente para colocar o tronco da árvore na posição certa, e assim cortaram no comprimento certo, conforme o tamanho do *bñgu*. Depois, eles cortaram a parte de cima do tronco, alinhando no comprimento, e em seguida marcaram a parte de cima que seria a boca do *bñgu*. Desta forma, concluíram o trabalho do segundo dia.

3º. DIA

Quatro senhores que se chamavam Dário Afonso, Rui, Juarez e José se reuniram para combinar de que forma eles entalhariam aquele *bûgu*, e assim eles verificaram a grossura daquela grande árvore, de uma ponta a outra.

4º. DIA

No quarto dia, os homens continuaram a construção do *bûgu*. Eles entalharam a parte interna do *bûgu* utilizando uma ferramenta chamada *tasira* (enxó).

5º. DIA

No quinto dia, eles acabaram de entalhar o interior do *bûgu*. Então, os homens se dividiram em dois grupos: um grupo trabalhou com o *ndyi* (machado) para cavar e entalhar o que é mais difícil, o outro grupo alisou por dentro do *bûgu* com o *itá-iupanasara* e *tasira* (formão e enxó).

6º DIA

No sexto dia, após fecharem os buracos que haviam feito no *bûgu*, os homens o puseram ao calor do fogo para aquecer a madeira. Era sexta-feira bem cedo, e eles chamaram os alunos para ver o *bûgu*. Quando terminaram de aquecer o *bûgu*, rasparam por dentro e por fora, de forma que limparam a sujeira.

7º e 8º. DIA

No sétimo e oitavo dia, os homens fizeram os bancos do *būgu* e a popa com uma tábua larga. A madeira utilizada para a popa era de árvore de *aiúa* (louro), e a madeira dos quatro bancos era de *ytayua* (itaúba).

O *būgu* media 19 *sangama* (metros). A popa feita de madeira media 71,5 cm de largura, e a quilha media 34,5 cm de profundidade.

O banco que ficava na popa media 93 cm, o banco do meio media 132 cm, o banco da frente media 126 cm de largura, e por fim, a proa media 75 cm de largura.

9º DIA

No nono dia, os homens chegaram ao local do *būgu* e cortaram a madeira para por embaixo dele e arrastá-lo para água.

10º e 11º. DIA

No décimo e décimo segundo dia, os homens colocaram a madeira embaixo do *būgu* para empurrá-lo na direção do rio.

12º, 13º E 14º. DIA

No décimo segundo, décimo terceiro e décimo quarto dia, os homens se reuniram para empurrar o *būgu* para o rio. Depois de

percorrerem um longo trajeto, eles chegaram à margem do rio com o *bñgu*, e em seguida, eles o levaram para a comunidade, e assim concluíram a construção do *bñgu* de tronco de madeira.

Fim!
The end!
Mupausawa!

CAPÍTULO II

BŪGU RAKANGA

A ORIGEM DO CASCO DE MADEIRA

O *būgu*, (casco) ou canoa, como é conhecido também na Amazônia, é esculpido em um único tronco de árvore, com uso de machado para cortar a árvore, facão para lapidar o tronco, formão e enxó para esculpir a parte interna da madeira. A partir desse processo surge o casco, uma embarcação que carrega em suas linhas habilmente entalhadas a população da Amazônia que habitam às margens de rios, lagos e igarapés da região desde o surgimento das primeiras populações ameríndias.

Segundo Németh (2011, p. 5), a canoa mais antiga que se tem notícia foi uma embarcação de pinheiro escavado, construída em *Pesse* na Holanda, entre os séculos 8.200 e 7.510 anos a. C.. Ela mede quase 3 metros de comprimento, e 40 cm de largura (fig. 16). A canoa, que se encontra no Museu *Drents*, em *Assen*, Holanda, foi encontrada em 1955 durante a construção de uma estrada.



Figura: 16. Canoa de *Pesse*

Fonte: Németh (2011).

A canoa encontrada em *Pesse*, Holanda, é muito parecida com o *būgu*, (casco) construído na Amazônia pelos ameríndios, desde as primeiras ocupações na região do vale amazônico (fig. 17). Casco de tronco de madeira construído por indígenas e caboclos da Amazônia.



Figura: 17. Būgu (casco de madeira)

Fonte: Kim Puremanã (2020).

Observa-se que os cascos (canoas) são de estruturas rústicas, e ambos são similares em seus designs. O casco da Figura 17, construído na Amazônia nos anos 80, é feito de tronco de castanheira, uma árvore muito conhecida na região, e que produz um fruto chamado castanha, de grande valor econômico no mercado brasileiro.

Acredita-se que o processo de construção das canoas tenha sido o mesmo, e que isso é uma prática milenar que vem desde que o homem precisou navegar, e com isso passou a construir barcos de troncos de madeiras.

O uso da canoa no continente americano foi citado no diário da primeira viagem de Cristóvão Colombo às Américas, de 1492, no qual, dia 26 de outubro, pela primeira vez, ele escreveu a palavra canoa (*almadía*), para definir especificamente um tipo de embarcação da região do Continente Americano:

Sábado, 13 de octubre. Luego que amaneció vinieron a la playa muchos de estos hombres, todos mancebos, como dicho tengo, y todos de buena estatura, gente muy hermosa: los cabellos no crespos, salvo corredios y gruesos, como sedas de caballo, y todos de la frente y cabeza muy ancha más que otra generación que hasta aquí haya visto, y los ojos muy hermosos y no pequeños, y ellos ninguno prieto, salvo de la color de los canarios, ni se debe esperar otra cosa, pues está Este Oeste con la isla de Hierro, en Canaria, bajo una línea. Las piernas muy derechas, todos a una mano, y no barriga, salvo muy bien hecha. Ellos vinieron a la nao con *almadías*, que son hechas del pie de un árbol, como un barco luengo, y todo de un pedazo, y labrado muy a maravilla, según la tierra, y grandes, en queen algunas venían cuarenta o cuarenta y cinco hombres, y otras más pequeñas, hasta haber de ellas en que venía un solo hombre. Remaban con una pala como de hornero, y anda a maravilla; y si se le trastorna, luego se echan todos a nadar y la enderezan y vacían con calabazas que traen ellos. (COLOMBO, 1492 citado por NÉMETH, 2011).

Tradução e adaptação nossa:

Sábado, 13 de outubro ao alvorecer, muitos homens chegaram à praia, todos eram jovens e de boa estatura, pessoas muito bonitas, de cabelos lisos e grossos como de rabo de cavalo, e toda a testa e cabeça muito mais larga do que outra geração que eu vi até então. Os olhos muito bonitos e não tão pequenos...

Eles chegaram ao navio com canoas feitas de troncos de árvores, barcos compridos e todos feitos em uma só peça, e

esculpidos maravilhosamente, nos quais chegaram quarenta ou quarenta e cinco homens, e outros em canoas menores. Eles remavam com uma pá *apuguitá* (remo) que funciona maravilhosamente...

Na narrativa de Cristóvão Colombo, de 1492 fica bem evidente que ele está se referindo às canoas (cascos) de troncos de madeiras construídos, cada canoa de um único tronco de árvore. Portanto, mais uma prova cabal de que esse tipo de transporte fluvial já vinha sendo utilizado à séculos pelos povos ameríndios das américas.

Outro material importante que serve para mover a canoa, é o remo (pá), como afirmou Colombo, referindo-se ao termo *pala*. O remo, *apuguitá* em Nheengatu é feito também de madeira, e é usado para mover e guiar a canoa em todas as direções. Material que na atualidade ainda é utilizado para esse fim, mas também tem sido objeto de decoração como artesanato indígena.

Na gravura pintada por *Claude Abbeville* no século XVI, de um indígena do Brasil com um remo ao ombro mostra que esse povo ameríndio utilizava canoas e remos, provavelmente para caçar e pescar, pois essas atividades figuravam como meio de subsistência da população ameríndia do Continente Americano (Fig. 18).



Figura 18. Gravura de indígena do Brasil do séc. XVII
Fonte: Beluzzo (1999)

Na Figura 18, a gravura pintada por *Claude Abberville* no século XVII, do indígena por nome de *François Carypyra*, em francês. Essa pintura ilustra bem os indígenas do período colonial no Brasil. Esse indígena foi um dos que foram colonizados pelos francês com o objetivo de intregá-lo a sociedade daquele país. Naquela ocasião, foi feita a pintura de *François* segurando um remo sobre os ombros e um arco nas costas.

O indígena *François Carypyra* era da tribo dos *Tabajaras*, habitante da ilha denominada de *Maragnan* em francês (maranhão em português), no século XVII.

A Figura 19 mostra a imagem de um remo da região amazônica utilizado pelo povo Tikuna do rio Solimões.



Figura:19. Apuguitá (remo)

Fonte: Kim Puremanã (2020)

O formato do remo (apuguitá) da Figura 18 é bem semelhante ao remo da Figura 19 usado pelo povo Tikuna, ambos servem para mover o casco, *biñu* ou canoa. Esse meio de transporte fluvial movido a remo é uma das formas de locomoção ainda muito utilizada na região amazônica por sua praticidade e utilidade nas atividades de caça e pesca nos rios da Amazônia.

Capítulo III PISASÚ BŪGU OS NOVOS CASCOS DE MADEIRA

Nesse capítulo, descrevemos como o *būgu* (casco) de tronco de madeira, ao longo do tempo, ganhou novos formatos e designs, e com isso mudou totalmente a logística de transporte da região amazônica.

Com a chegada dos ocidentais à Amazônia ocorreram muitas mudanças, não só sociais, culturais e linguísticas como a introdução da *kariva nbeenga* (língua Portuguesa), mas também no modo de transporte, que antes da chegada dos *kariva* (homens brancos) era utilizado somente o *būgu*, casco de tronco de madeira (fig. 20).



Figura: 20. Būgu (casco de tronco de madeira)

Fonte: Kim Puremanã (2020).

Na Figura 20, observa-se como era o processo de construção das canoas (cascos), de forma bem rústica, entalhados com ferramentas como machado, facão, formão e enxó. Entretanto, com

os conhecimentos de construtores de embarcações europeus, os povos da região aprenderam novas técnicas de construção de canoas.



Figura 21. Casco fabricado em 2015

Fonte: Kim Puremanã (2020)

Desse modo, o processo de construção de embarcação fluvial na Amazônia, no decorrer do tempo passou por diferentes fases e, hoje possui uma grande variedade de embarcações, tanto motorizadas e não motorizadas, e também tanto para passageiros quanto para cargas. Como exemplo, pode-se citar a *igara* (canoas de tábuas) (fig. 21).



Figura: 21. Igara (canoas feitas de tábuas)

Fonte: Augusto Baniwa (2020).

Observa-se que a canoa de tábuas, *igara* em Nheengatu, é uma embarcação artesanalmente bem trabalhada, agregados em sua estrutura tábuas, caibros, vigas de madeiras, pregos, parafusos e estopas para vedar os espaços entre as madeiras. É uma embarcação com design mais elaborado que o casco.

Também há uma variação de canoas em termos de tamanhos. Se for pequena chama-se *igaramirim*, se for grande *igarasu*. Esses dois termos: *mirim* (pequeno) e *asu* (grande) são sufixos (morfemas) adicionados aos finais das palavras. Esses dois sufixos são também utilizados no português brasileiro. Obviamente foram emprestados do nheengatu (língua geral amazônica).

Como exemplo em português, usa-se em palavras como: *paraná-mirim*, *cantor mirim*, *clube mirim*, *capim mirim*, *paraná-açu*, *capim-açu*, *andá-açu*, *jiboiaçu*, *jacaré-açu*.

Há ainda, embarcações como *igarité*, (barco de grande porte), e *igaritéasu*, (navio), embarcações motorizadas para transporte de carga e de passageiros nos rios da Amazônia. Essas embarcações anteriormente eram feitas de madeiras, assim como às canoas. Entretanto, na atualidade os estaleiros têm construído esses barcos e navios a partir de barras e laminas de ferro e de alumínio, material muito mais resistente e duradouro (Figuras 22 e 23).



Figura: 22 – Igarité (barco)

Fonte: Ademar Lima (2020)

O barco *igarité* é uma embarcação motorizada e tem como principal função o transporte de passageiros e de cargas pelos rios da Amazônia. É uma embarcação que chega transportar até mais de trezentas pessoas e mais de cinco mil toneladas de materiais em seu compartimento de cargas. Esse tipo de embarcação é usado exclusivamente em rios de água doce, não adentrando ao mar. Já o navio *igaritéasu* é utilizado preferencialmente em águas oceânicas e com capacidade a do *igarité* (Fig. 23).



Figura: 23. Igaritéasu (navio)

Fonte: Ademar Lima (2020).

O navio *igaritéasu* é mais usado para transporte de grandes volumes de cargas como petróleo e gás, alimentos, materiais manufaturados, eletrônicos e eletrodomésticos. Mas há também modelos que são utilizados para transporte de pessoas, como os navios turísticos chamados de “transatlânticos”.

Certamente que as tecnologias e o desenvolvimento industrial contribuíram de forma decisiva nos avanços das construções de embarcações fluviais e, atualmente esses tipos de transportes tornaram-se os principais meios de locomoção dos povos que vivem na Amazônia.

CAPÍTULO IV

ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA DO NHEENGATU MAIAUESAWA NHEENGATU MUATIRESAUANHEENGA

Esse capítulo é constituído de uma breve abordagem sociolinguística da língua Nheengatu, desde sua estrutura gramatical ao seu uso no contexto social da Amazônia. Assim como, uma breve análise microssociolinguística de alguns vocabulários do texto *Mayé yamunhâ bñgu* (como construir o casco de madeira).

Breve história da língua Nheengatu

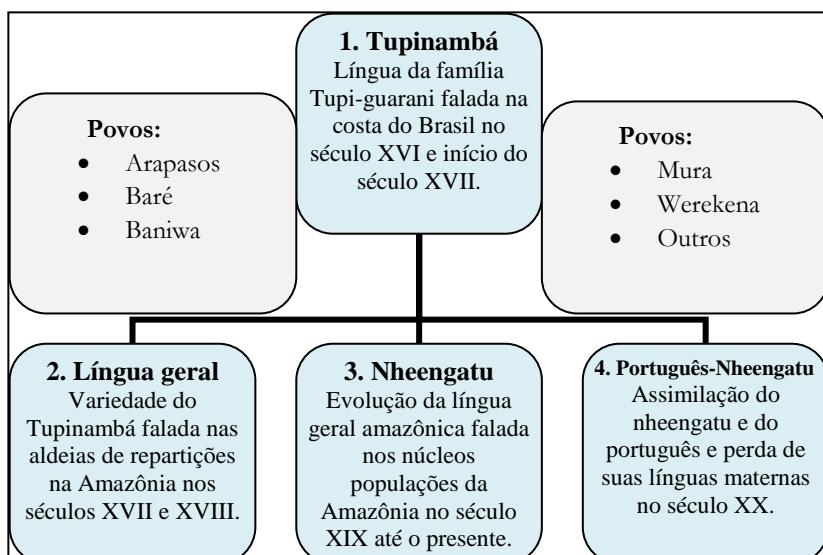
A língua geral amazônica atualmente chamada de Nheengatu pertence à família linguística do Tupi-Guarani do subconjunto III, e sua origem se deu a partir do Tupinambá que, de acordo com Métraux (1948, p. 95), “foi uma língua falada entre a costa do Oceano Atlântico no Brasil, mais precisamente do Maranhão à confluência do rio Amazonas e rio Tapajós no Pará no século XVI”.

Ao longo de quatro séculos, o Tupinambá passa por três momentos de evolução: na província de Maranhão e Grão-Pará nos séculos XV e XVI, a língua era chamada de Tupinambá e falada pelo povo do mesmo nome, no início do século XVII, a partir do contato com outras línguas indígenas da Amazônia, ela evoluiu para a variedade língua geral amazônica e, no início do século XIX, ela evoluiu para a variedade chamada Nheengatu (CRUZ, 2011, p. 4).

De forma que, entre os séculos XVII e XVIII, ainda denominada de língua geral amazônica expandiu-se pelos núcleos populacionais da Amazônia de forma assistemática, até ao início do século XIX quando passou a chamar-se língua Nheengatu, termo cunhado por Couto de Magalhães em 1876 (BESSA FREIRE, 2004, p.114).

No Gráfico 1, apresenta-se uma ilustração para exemplificar como se deu o processo de evolução da língua Nheengatu e sua assimilação pelos povos da Amazônia, desde o período da colonização no século XVI até ao século XIX.

Gráfico 1. A língua Nheengatu e sua assimilação pelos povos amazônicos



Fonte: Gráfico adaptado da dissertação de mestrado de Ademar Lima (2018).

O processo de aquisição e assimilação da língua Nheengatu entre os povos amazônicos insere-se no contexto histórico do período colonial da Amazônia e, tudo decorre a partir da migração dos povos tupinambás da costa do Atlântico (Maranhão e Pará) para o Amazonas e da introdução dessa língua geral amazônica (LGA) pelos padres jesuítas e carmelitas no século XVII e XVIII nas chamadas aldeias de *repartições* e *vilas* fundadas pelos colonizadores, para onde eram levados os indígenas de várias etnias, povos que serviam de mão de obra aos ocidentais.

Esses indígenas eram trazidos de suas aldeias de origem para essas aldeias de repartições através de *descimentos*¹. Nessas aldeias de repartições, como eram chamadas, porque se faziam as divisões dos indígenas para a mão-de-obra local, se dava o aprendizado da língua geral amazônica. E assim, os indígenas iam deixando de falar suas primeiras línguas indígenas (L1) para falar a língua geral. Desse modo, a língua geral passou a ser a língua indígena dos povos *Baré*, *Baniwa*, *Mura*, *Werekena*, *arapasos* e de muitos outros povos da Amazônia.

A partir do contato da língua geral amazônica, principalmente com outras línguas indígenas das famílias Aruak e Tucano como *baniwa* e *tukáno* da região rio Negro, Amazonas, ela evoluiu para a variedade que hoje é denominada de Nheengatu (língua boa).

¹ Processo de retirada dos indígenas de suas aldeias de origens das cabeceiras de rios e afluentes para as aldeias de repartições.

Principais livros escritos em língua geral e em Nheengatu

O trabalho de Pedro Luiz Sympson, militar e político amazonense que escreveu a *Gramática da língua brasileira, brasílica, tupi ou nheengatu*, de 1876; Rodrigues, J. Barbosa, *A Língua Geral do Amazonas e o Guarany: observações sobre o alfabeto indígena*, de 1888; Couto de Magalhães, *O sevagem: curso de língua geral segundo Ollendorf*, de 1876; Conde Ermano Stradelli, Dicionário *Vocabulário Português-Nheengatu, Nheengatu-Português*, de 1929; Padre Afonso Casasnovas, *Noções de língua geral ou nheengatu: gramática, lendas e vocabulários*, de 2006; Prof. Dr. Eduardo de Almeida Navarro, *Curso de Língua Geral: nheengatu ou tupi moderno: a língua das origens da civilização Amazônica*, de 2011.

O Nheengatu como língua franca na Amazônia

A língua Nheengatu se difundiu de tal forma na Amazônia que início do século XIX era a língua mais falada na região, passando a função de língua franca.

O termo “língua franca”, segundo Calvet, (2002), “é o meio de comunicação usado entre pessoas que falam línguas diferentes”. Ou seja, naquele período colonial da Amazônia, a língua Nheengatu foi ganhando espaço entre as dezenas de línguas indígenas da região, tornando-se assim, a principal língua veicular na região amazônica.

Os falantes de outras línguas passaram a usá-la como língua franca, principalmente como meio de comunicação no comércio, no trabalho e nos mercados da região. Até o ano de 1877, o Nheengatu

mantinha sua hegemonia sobre as demais línguas, perdendo espaço somente para a língua portuguesa a partir da segunda metade do século XIX.

A geolinguística do Nheengatu

O Nheengatu configurou-se como a língua mais falada na Amazônia, entretanto, na segunda metade do século XIX perde espaço para a língua portuguesa, que se tornou a língua oficial do Brasil. Com isso, o Nheengatu restringiu-se à região do Noroeste da Amazônia, nos municípios de Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas e na fronteira de Colômbia e Venezuela.

Entretanto, com o advento das migrações das populações indígenas em busca de trabalho e educação em melhores escolas, fez com que falantes da língua Nheengatu formassem novas comunidades em outras cidades da região amazônica como: Autazes, Careiro, Manaus, Novo Airão e Santarém.

Desse modo, tem se formado nos últimos anos muitas comunidades linguísticas de falantes de Nheengatu na região amazônica e isso mostra que a língua está em processo de pena expansão.

O termo “comunidade linguística” tem sido muito utilizado pelos estudiosos da sociolinguística. Por exemplo, para Gumperz (1962, p. 31), o termo refere-se a um grupo social que pode ser

monolíngue ou multilíngue, mantido em conjunto por meio da interação de um mesmo código linguístico, o qual o autor denomina de *communication matrix* (matriz de comunicação), abrangendo uma área geográfica.

Esse autor entende que, uma comunidade linguística pode consistir-se em pequenos grupos ligados pelo contato linguístico face a face, ou pode abranger grandes regiões.

Para Labov (2008) e Ferguson (1959) comunidade linguística é um grupo que partilha as mesmas normas referentes à língua. Corroborando no mesmo sentido, Calvet (2002, p. 105) afirma que “uma comunidade linguística pode se constituir de pessoas que se compreendem graças a uma mesma língua”.

O conceito de comunidade linguística se assenta, deste modo, na necessidade de reconhecimento de uma norma comum aos falantes de uma dada variedade linguística (CALVET, 2002).

As definições supracitadas têm em comum o fato de que os falantes compartilham o mesmo código linguístico para pertencer à mesma comunidade linguística.

Assume-se assim que, comunidade linguística refere-se a um grupo de pessoas de uma determinada região geográfica que se utiliza de um código linguístico para se comunicar em uma determinada língua, idioma.

Abordagem microssociolinguística do Nheengatu

O termo “microssociolinguística”, de acordo com Calvet (2002), refere-se ao estudo mais restrito da língua em si, como fonética e fonologia, sintaxe, morfologia, semântica e lexicologia. Ou seja, centra-se no estudo das estruturas linguísticas.

Por exemplo, o termo “Nheengatu”, traduzido como “língua boa” para o português brasileiro foi usado pela primeira vez por Couto de Magalhães em 1876 e, é constituído do substantivo *nheenga* + *katú*, adjetivo. Ou seja, *nheenga* (língua) e *katú* (boa, bom). Assim, Nheengatu significa “língua boa”.

O alfabeto da língua Nheengatu é composto de 18 letras, sendo 4 vogais: A, E, I, U; 13 consoantes: B, D, G, K, M, N, P, R, S, T, W, X, Y; e mais o dígrafo NH.

As vogais recebem os seguintes acentos gráficos para ajudar na pronúncia de palavras que fogem do padrão comum: acento agudo **á, é, í, ú**. Exemplo: *wirá* (pássaro), *igarité* (barco), *nambí* (orelha), *katú* (bom). As correspondentes nasais: **ã, ê, ï, û**. Exemplo: *apwã* (bola), *meẽ* (dar), *yamî* (espremer), *mukûi* (dois). Exemplos com **nh**: *nheengari* (cantar), *nheenga* (língua), *kiínga* (pimenta).

Outro aspecto microssociolinguístico do Nheengatu descritos na gramática de Navarro (2011), é sobre o uso da letra **W** ao invés de **U** nos ditongos crescentes (semivogal + vogal). Por exemplo: *kwatá* (macaco), *kariwa* (homem branco), *tuxawa* (chefe). Enquanto que em

ditongos decrescentes (vogal + semivogal) usa-se o U. Por exemplo: *yeréu* (transformar-se), *mundéu* (vestir), *muéu* (apagar).

No texto *Mayé yamunhã būgu* desse livro (p. 9) há várias palavras com o uso dos correspondentes nasais, como: *purâga* (bom, boa), *übuesara* (aluno), etc. Os escritores do texto optaram por usar os correspondentes nasais, pois há uma tendência de nasalização da língua Nheengatu, principalmente entre falantes da região do alto rio Negro.

Abordagem macrossociolinguística do Nheengatu

O termo macrossociolinguística, segundo Calvet (2002), refere-se à função e uso da língua em seu contexto social. Ocupa-se da interação entre línguas e as suas condições de aquisição, desenvolvimento e funcionamento no contexto social.

A disseminação da língua Nheengatu por meio do contato linguístico e seu ensino nas vilas e aldeias da Amazônia facilitou a ação de conversão dos indígenas operada pelos padres jesuítas e carmelitas como meio de integrá-los à sociedade ocidental.

Desse modo, percebe-se que a língua Nheengatu teve um papel significativo no contexto social daquele período colonial, como língua de comunicação veicular mais relevante para a sociedade daquela época.

Muitos falantes de outras línguas indígenas deixaram de falar seus idiomas maternos e passaram a falar o Nheengatu. Por ter conquistado o status de língua mais falada da região, a fauna e flora amazônica foram nomeadas nessa língua. E, mesmo depois com a hegemonia da língua portuguesa na Amazônia, o Nheengatu ainda é falado por mais de 20 mil falantes, e está presente em três países: Brasil, Colômbia e Venezuela.

O *code switching* na comunidade indígena

O *code switching*, de acordo com Calvet (2002), refere-se à mudança de língua ou de variedade linguística por parte do falante de acordo com o contexto de interação em que estiver envolvido.

Esse fenômeno linguístico descrito por Calvet (2002) é muito comum em comunidade indígena que tem como língua materna o Nheengatu, ou mesmo como segunda língua, e é bilíngue em Nheengatu e português.

Entretanto, como toda comunidade bilíngue que possui dois códigos linguísticos tende, no momento da comunicação verbal fazer uso alternado desses códigos, que se convencionou chamar em sociolinguística de “alternância de código”, *code switching* em inglês.

Vejamos como funciona o *code switching*: um indivíduo que está conversando com o outro em Nheengatu, mas na sua fala introduz palavras ou sentenças da língua portuguesa, geralmente para dar mais ênfase no que está dizendo, por achar que não foi satisfatório o

entendimento de seu interlocutor no diálogo em Nheengatu, ou por pensar que o termo ou expressão que pretende falar fica mais elucidado na outra língua. Ou ainda por impulso inato, já que os códigos linguísticos fluem naturalmente em seu pensamento.

Vejamos um diálogo transscrito de uma gravação de conversa entre dois falantes bilíngues da comunidade indígena *Pisasú Sarusawa* (nova esperança), do baixo rio Negro, Manaus, Amazonas:

- Ixé nti kurí upusú siía kumandamirí kwá akayú.
- Marantaá nti?
- Nhaásé amana nti uwari retana. *Não choveu e as plantas morreram.*

No diálogo observa-se que um dos falantes usou o *code switching* (alternância de código) substituindo a frase: *nti amana íva-itá umanu ana*, em Nheengatu por “não choveu e as plantas morreram”, em português.

O *code switching* (alternância de código) é usado corriqueiramente nas comunidades indígenas bilíngues que falam o Nheengatu e o português brasileiro.

O empréstimo linguístico entre o Nheengatu e o português

O empréstimo linguístico, segundo Calvet (2002), é um fenômeno coletivo, no qual as línguas tomam palavras emprestadas de outras línguas para incorporá-las em seu léxico. Essa incorporação pode se dar mediante a reprodução do termo sem alteração de

pronuncia e de grafia, ou mediante adaptação fonológica e ortográfica.

Exemplos de incorporações mediante a reprodução do termo sem alteração de pronúncia e de grafia do **Nheengatu** para o português: **paraná** (*paraná*), **paraná mirim** (*paraná mirim*), **ingá** (*ingá*), **urubu** (*urubu*), **pipira** (*pipira – ave passeriforme*).

Exemplos de incorporações mediante adaptação fonológica e ortográfica do Nheengatu para o português: *pirarukú* (pirarucu), *tukunaré* (tucunaré), *buya* (jiboia), *kurumí* (curumim), *asú* (açú).

Exemplos de incorporações mediante a reprodução do termo sem alteração de pronúncia e de grafia do **português** para o **Nheengatu**: **comadre** (*comadre*), **comadre** (*comadre*), **gripe** (*gripe*), **saúde** (*saúde*).

Exemplos de incorporações mediante adaptação fonológica e ortográfica do português para o Nheengatu: *conhecer* (kunheseri), *camisa* (kamixá), *gostar* (gustari), *sabão* (sbão).

No texto *Mayé yamunhã bñgu*, páginas 16, 18 e 22, encontramos cinco palavras que os autores adaptaram do português brasileiro para o Nheengatu: *ilargura* (largura), *igrususa* (grossura), *irudela* (rodelas), *travesa* (travessa) e *umediri* (medir).

Observa-se claramente que há uma influência da língua portuguesa na escrita dos autores do texto *Mayé yamunhã bñgu*, haja vista que essas palavras têm suas correspondentes na língua

Nheengatu: *tipupiresawa* (largura), *turususawa* (grossura), *arakapá* (rodelâ), *akangapawa* (travessa) e *musanga* (medir).

Há poucas incorporações de termos de língua portuguesa para o léxico da língua Nheengatu. Entretanto, do Nheengatu para o léxico da língua portuguesa estima-se que há mais de 10 mil termos que foram incorporados, principalmente vocabulários da fauna e flora amazônica (BESSA FREIRE, 2003).

ENGLISH TRANSLATION

**Ana Júlia Miranda Castro
Rosineide Magalhães de Sousa**

The origin of the wooden canoe

MAYÉ YAMUNHĀ BŪGU



Figure 24: The wooden trunk hull. Source: Kim Puremaná (2020)

Amazonia – Brazil - 2020

Summary

Preface	54
Chapter I. The construction of the wooden trunk hull	55
Chapter II. The origin of the wooden hook	58
Chapter III. New wooden hull	62
Chapter IV. Sociolinguistics approach on Nheengatu	66
Chapter V. Glossary	75
Bibliography	77

Preface

The history of the origin of the wooden hull (būgu) speaks of how people in the interior of the Amazonia make boats from a single tree trunk, from the choice of the best wood to build one of the most used river transport in the colonial period of the Amazonia and still used nowadays.

Written in general Amazonian language, Nheengatu and in Portuguese and in English, the history about the origin of the hull, the oldest transport in the Amazon region is a text produced by indigenous students from São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brazil.

This fascinating history about the origin of the hull will certainly show you a new conception of life in the Amazon, as well as the experiences of men who cross the Amazon region in their hulls (canoes) from North to South and from East to West with their beautiful oars also made of wood. A journey of experiences within a wooden trunk that can last a lifetime.

You will also embark on this hull trip along the rivers, *paranás* (small rivers), *igarapés* (branch rivers) and *igapós* (wetland) and discover the fascinating Amazon world, while at the same time discovering the cultural and linguistic riches of a most multilingual region in the world - THE AMAZONIA.

CHAPTER I

The construction of the wooden trunk hull

1st day

On the first day of building a *bīgu* (canoe), people went to see a tree that was on firm land, located in the center of the wood. They left early in the morning and have come a long way to investigate if that tree was in fact good enough for the construction of the *bīgu*.

Then, by arriving at the trunk of the tree, which was named by *yakayaka* (floating tree), they saw that it was good enough for the construction of the *bīgu* and started to cut it.

2nd day

The next day, they left again to put the tree's trunk into the right position, and then cut it in the right length, according to the *bīgu*'s size. After that, they cut the upper side of the trunk, aligning to the length, then they marked the upper side that would be the mouth of the *bīgu*. Thus, the second day of work was concluded.

3rd day

Four gentlemen called Dário Afonso, Rui, Juarez and José gather around to agree on how they would carve that *bīgu*, and so they verified the thickness of that big tree through one end to the other.

4th day

On the fourth day, the men kept building the *bīgu*. They carved an inner part using a tool called *tasira* (adze).

5th day

On the fifth day, they finished carving the inner part of the *būgu*. Then, the men split up into two groups: one of the group worked with the *ndyi* (axe) to dig and carve the hardest, the other group dab inside the *būgu* using the *itá-iupanasara* and *tasira* (chisel and adze).

6th day

On the sixth day, after closing the holes they made in the *būgu*, the men put it into the heat of the fire to warm the wood. It was early friday, and they called the students to see the *būgu*. When they finished heating the *būgu*, they scraped in and outside of it, so that they cleaned up the dirt.

7th and 8th day

On the seventh and eighth day, the men made the benches of the *būgu* and the stern with a wide board. The used wood to the stern was made by the *aiúa* (bay laurel), and wood of the four benches was from *yayna* (itauba tree).

The *būgu* measured 19 *sangawa* (meters). The stern made by wood measured 71,5 cm wide, and the keel measured 34,5 cm deep.

The bench at the stern measured 93 cm, the bench in the middle measured 132 cm, the front bench measured 126 cm wide, and finally, the bow measured 75 cm wide.

9th day

On the ninth day, the men arrived at the place of the *būgu* and cut the wood to put under it and drag it to the water.

10th and 11th day

On the tenth and eleventh day, the men put the wood under the *bñgu* to push it into the river's direction.

12th, 13th and 14th day

On the twelfth, thirteenth and fourteenth day, the men gather around to push the *bñgu* to the river. After going through a long path, they arrived at the river bank with the *bñgu* and, after that, they took to their community, and so concluded the construction of the wooden trunk *bñgu*.

The end!
Fim!
Mupasawa!

CHAPTER II

BŪGU RAKANGA

THE ORIGIN OF THE WOODEN HOOK

A *būgu*, (hull) or canoe as it is known at Amazonia is sculpted in an only tree trunk, using an axe to cut the tree, a machete to cut the trunk and a chisel for carving inside the wood. Throughout this process the hull appears, a vessel that carries on its lines skillfully carved the population of the Amazon who lived on the banks of rivers, lakes and streams in the region since the first Amerindian populations.

According to Németh (2011, p.5), the oldest registered canoe was a vessel made of excavated pine tree, built in *Pesse*, Holland, between the centuries 8200 and 7510 BC. It measures almost 3 meters long, 40 cm wide (fig. 25). The canoe, which is spotted at Drents Museum in Holland, was found in 1955 while a road was being built.



Figure: 25. Trunk hull

Source: Németh (2011).

The canoe found in *Pesse*, Holland, is very similar to the *būgu*, (hull) built in Amazon by the Amerindios, since first occupations in the Amazon valley region (fig. 26). Wooden trunk hull built by

indigenous and *caboclos* - person of mixed Indigenous Brazilian and European ancestry or a culturally assimilated or detribalized person of full Amerindian descent - from Amazon.



Figure: 26. Hull (būgu).

Source: Augusto Baniwa (2020)

It is observed that the hulls (canoes) are of rustic structure and both of them have similar designs. The hull from Figure 26, built in Amazon in the 80s is made of a chestnut tree trunk, a very popular tree in the region that produces a fruit called chestnut, of great value in the Brazilian economic market.

It is believed that the building process of canoes has been the same, and that this is an ancient practice that came up since when the man needed to navigate, and for that boats started to be built from tree trunks.

The use of canoe in the American continent was quoted in Cristóvão Colombo's first travelling diary to America, in 1492, in which on October 26th , for the first time he wrote the word canoe *almadía*, to define specifically a type of vessel of the American Continent:

Sábado, 13 de octubre. Luego que amaneció vinieron a la playa muchos de estos hombres, todos mancebos, como dicho tengo, y todos de buena estatura, gente muy hermosa: los cabellos no crespos, salvo corredios y

gruesos, como sedas de caballo, y todos de la frente y cabeza muy ancha más que otra generación que hasta aquí haya visto, y los ojos muy hermosos y no pequeños, y ellos ninguno prieto, salvo de la color de los canarios, ni se debe esperar otra cosa, pues está Este Oeste con la isla de Hierro, en Canaria, bajo una línea. Las piernas muy derechas, todos a una mano, y no barriga, salvo muy bien hecha. Ellos vinieron a la nao con **almadías**, que son hechas del pie de un árbol, como un **barco** luengo, y todo de un pedazo, y labrado muy a maravilla, según la tierra, y grandes, en queen algunas venían cuarenta o cuarenta y cinco hombres, y otras más pequeñas, hasta haber de ellas en que venía un solo hombre. Remaban con una **pala** como de hornero, y anda a maravilla; y si se le trastorna, luego se echan todos a nadar y la enderezan y vacían con calabazas que traen ellos (COLOMBO, 1492) citado por (NÉMETH, 2011).

Our translation and adaptation:

Saturday, October 13 at dawn, many men arrived at the beach, they were all young and of good stature, very beautiful people, with straight, thick hair like a ponytail, and the entire forehead and much wider head than another generation I have seen so far. The eyes were pretty and not that small...

They arrived at the ship with canoes made of trunk trees, long boats, and all made with only one piece, and amazingly sculpted, in which arrived forty or forty-five men, and others in small canoes. They paddled with a shovel *apuguitá*, a rowing, that works wonderfully.

In Cristóvão Colombo's narrative, from 1492, it is very evident that he is referring to the wooden trunk canoes (hulls) built, in which a canoe was made from a singular type of tree trunk. Therefore, that's further proof that this type of river transport has been used for centuries by the *amerindian* people from America.

Another important material that is used to move the canoe is the rowing (shovel), as affirmed by Colombo. The paddle *apuguitá* in Nheengatu is also made of wood, and it is used to move and guide

the canoe into all directions. It is a material that until today is used to this end, but has also been used as decoration as indigenous crafts.

The hull *bñgu*, or canoe as it is also called in Amazon, was and still is a mean of river transportation used in the region, due to its practicality of locomotion and utility in hunting and fishing activities in Amazon's rivers.

CHAPTER III PISASÚ BŪGU NEW WOODEN HULL

In this chapter we describe how the *būgu* (hull) of wooden trunk, over time gained new formats and designs, and with that it has totally changed the transport logistics of the amazonian region.

With the arrival of the Westerners in the Amazon a lot of changes happened, not only social, cultural and linguistics like the introduction of the *kariva nheenga* (Portuguese language), but also in the means of transportation, in which before the arrival of *kariva* (white men) *būgu*, wooden trunk hull, was the only one used (fig. 27).



Figura: 27. Hull (Būgu)
Source: Kim Puremanã (2020).

In Figure 27, it is noticed how was the construction process of canoes (hulls), in a very rustic manner, carved with tools such as ax, machete, chisel and adze. However, using the knowledge of European boat builders, people from the region learned new techniques of the construction of canoes.

So, the construction process of a river vessel in Amazon, throughout time has lived different phases, and today there is a great

variety of vessels, both motorized and not motorized, and also both for passengers and for loads. As an example, we can quote *igara* (a board canoe) (fig. 28).



Figura: 27. Canoe (*igara*)

Source: Augusto Baniwa (2020)

It is observed that the board canoe *igara* in Nheengatu language, it is a well-crafted craft vessel aggregated in its structure boards, rafters, wooden beams, nails, screws and tows to seal the spaces between the woods. It is a vessel with a more elaborated design than the hull.

There is also a variety of canoes in terms of shapes. If it is small it is called *igaramirim*, and if it is big *igarasu*. Both of these terms: *mirim* (small) and *asu* (big) are suffixes added at the end of words. Both of them are also used in Portuguese. They were obviously borrowed from Nheengatu.

As example in Portuguese it is used words as: *paraná-mirim* (small branch river), *cantor mirim* (kid singer), *clube mirim* (club of soccer kids), *capim mirim* (creeping grass), *paraná-açu* (big branch river), *capim-açu* (big grass), *andá-açu* (brazilian big tree), *jiboiaçu* (anaconda), *jacaré-açu* (kind of amazonian's alligator).

There are also vessels like *igarité*, a large boat, *igaritéasu*, ship. (Figs, 29 and 30).



Figure: 29. Boat (*igarité*)

Source: Lima (2020)

The boat *igarité* is a motorized vessel and its own purpose is to transport passengers and cargo through Amazon River. It is a vessel that gets to transport more than 300 people and more than five thousand tons of materials in its cargo compartment. This kind of vessel is used only on freshwater rivers, not entering the sea. The ship *igaritéasu* however is preferably used in ocean waters. (fig. 30).



Figure: 30. Ship (*igaritéasu*)

Source: Lima (2020)

The ship *igaritéasu* is more used to transport large volumes of cargo as petroleum and gas, food, manufactured materials, electronics and home appliances. But there are also models used to transport people, as the touristics ships, called “transatlantics”.

It is certain that technologies and industrial development contributed in a decisive way in the advances of building river vessels, and nowadays these kinds of transport has become the main means of transportations that people of Amazon use.

CHAPTER IV

SOCIOLINGUISTICS APPROACH ON NHEENGATU MAIAUESAWA NHEENGATU MUATIRESAUANHEENGA

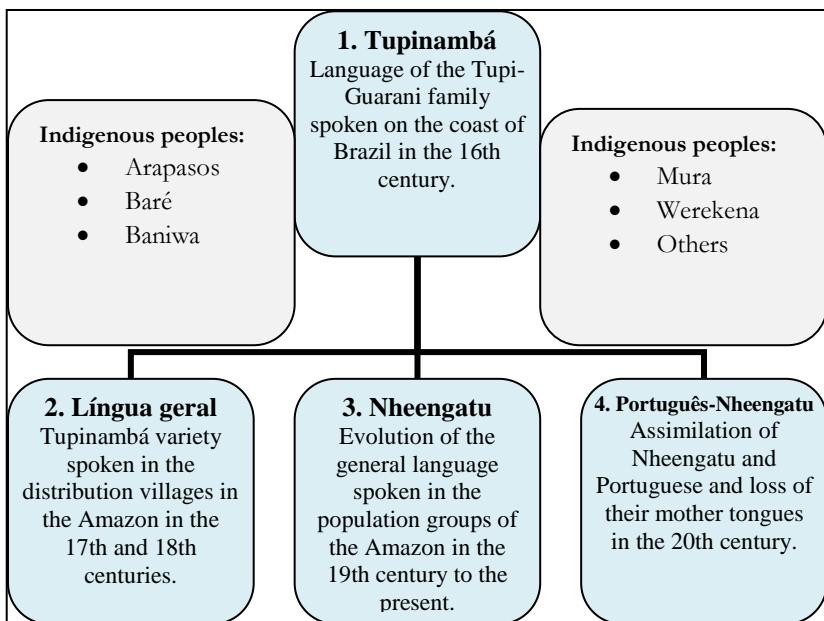
This chapter presents a brief sociolinguistics approach of the language Nheengatu, since its grammar structure to its use in the Amazon social context. As a brief micro sociolinguistic analysis of some vocabulary on the text *Mayé yamunhã bĩgu*, (The construction of the wooden trunk hull).

Brief story of Nheengatu language

The general amazonian language, or Nheengatu as it is called today, belongs to the linguistic family *Tupi-Guarani* subset III, and its origin took place from *Tupinambá* that, according to Métraux (1984, p. 95), “It was a language spoken throughout coast of Brazil, from the confluence of the Amazon River with the ocean Atlantic to the south of the state of São Paulo, in the 16th century”.

The general language, according to Cruz (2011, p.4) was “[...] spoken in the province of Maranhão and Grão-Pará in Brazil, from 1616 until the end of the XVIII century”. Corroborating in the same sense, Bessa Freire (2004, p. 114) highlight that, from 1616 until 1686 the general language was expanded between the population nuclei in Amazon in an asymmetrical manner, and started to be called general amazonian language. Already at the beginning of the XIX century, it evolved for the variety called Nheengatu language. See in Graph 2.

Graph 2. Nheengatu language and its assimilation by indigenous peoples



Source: Adapted graph from paper of Ademar Lima (2018).

In Graph 2, we did an illustration to exemplify how was the evolution process of the Nheengatu language and its assimilation by the Amazon peoples, since the colonization period until the XIX century.

The language acquisition process of the Nheengatu language between the Amazon peoples is inserted in the historical context of the Amazon colonial period, and everything goes from the insertion of the general language introduced by Jesuit priests in the XVII and XVIII centuries in villages called *breakdowns*, in which could be found indigenous people of various ethnicities, peoples.

Those indigenous people were brought from their home villages to those villages of breakdown through *desimentos*¹. In these breakdown villages, as they were called, because the division of

indigenous were made for the local labor, the Nheengatu language was learned. And so, the indigenous started to leave their first indigenous language (L1) to speak the general one. Thus, the general language or Nheengatu started being the language of the *Baré, Baníva, Mura, Werekena, arapasos* peoples and other peoples from Amazon.

Main written works in general language or Nheengatu

The most meaningful works that are known in general language were Pedro Luiz Sympson military and politician Amazonian who wrote the *Gramática da língua brasileira, brasílica, tupi ou nheengatu* (from 1876; Conde Ermano Estradelli, the dictionary *Vocabulário Português-Nheengatu, Nheengatu-Português*, from 1929; Priest Afonso Casasnovas, *Noções de Língua Geral ou nheengatu: gramática, lendas e vocabulários*, from 2006; Professor Eduardo de Almeida Navarro, *Curso de Linguística Geral: nheengatu ou tupi moderno: a língua das origens da civilização Amazônica*, from 2011.

Nheengatu as a lingua franca of Amazonia

The general language, Nheengatu spread in such a way in Amazon, that during the XVII, XVIII and in the beginning of the XIX century it was the most spoken language in the region, becoming a lingua franca.

The term “lingua franca”, as Calvet (2002) says, “is the means of communication used between people who speak different languages”. In other words, during the colonial period in Amazon, the Nheengatu language is being spread between dozens indigenous languages of the region, becoming the main serve language in the Amazon region.

Speakers of other languages started using it as a lingua franca, mainly as a means of communication in trade, labor and regional markets. Until the year 1877, Nheengatu kept its hegemony over other languages, losing space only to the Portuguese language from the second half of the XIX century.

The geolinguistics of Nheengatu

Nheengatu which was the most spoken language in Amazonia from the second half of the XIX century lost space to the Portuguese language, which became the official language in Brazil. Thereby, Nheengatu was restricted to the northwest region of the Amazon, in the counties of Santa Isabel do Rio Negro and São Gabriel da Cachoeira, state of Amazonas.

However, with the upcoming increase of migration from the indigenous population in search for work and education in better schools made the Nheengatu generate new communities in other Amazon cities in the region as: Careiro, Manaus, Novo Airão and Santarém. Nheengatu has also been present in countries as Colombia and Venezuela, in the border with the Amazon state.

So, it has formed several speech communities in the Amazonian region of Nheengatu speakers.

The term “speech communities” has been very used by sociolinguistics scholars. For example, for Gumperz (1962, p. 31), the term refers to a social group that can be monolingual or multilingual, kept together through an interaction between the same linguistic code, of which the author calls *communication matrix*, covering a geographical area.

The author understands that a speech community can consist of small groups connected by the linguistic contact face to face, or it can reach bigger regions.

To Labov (2008) and Ferguson (1959) speech community is a group that shares the same language standards. Corroborating in the same direction, Calvet (2002, p. 105) states that “a speech community can be made by people that comprehend each other thanks to the same language”.

The speech community concept is based, in this way, in the necessity of recognizing a common standard for the speakers of a given linguistic variety (CALVET, 2002).

The supracitated definitions have in common the fact that speakers share the same linguistic code to belong to the same speech community.

It can be, then, assumed that a speech community is referred to a group of people that utilizes a linguistic code to communicate in a determined language.

Micro Sociolinguistics approach of Nheengatu

The term “micro sociolinguistics” according to Calvet (2002) refers to the more restricted study of the language itself, like phonetics, syntax, morphologies, semantics and lexicology. In other words, focuses on the study of linguistic structures.

For example, the term “nheengatu”, translated as “good language” to Portuguese, used for the first time by Couto de Magalhães in 1876 is made up by the noun *nheenga* + *katú*, an adjective. So, *nheenga* (language) and *katú* (good). In that sense, Nheengatu means “good language”.

Nheengatu’s alphabet is composed of 18 letters, with 4 vowels: A, E, I, U; 13 consonants: B, D, G, K, M, N, P, R, S, T, W, X, Y; and the digraph NH.

The vowels are given the following graphic accents to help in the pronunciation of words that deviate from the common pattern:

acute accent: **á, é, í, ú**. For example: *wirá* (bird), *igarité* (boat), *nambí* (ear), *katú* (good). Nasal correspondents: **ã, ê, ï, û**. Exemplo: *apwã* (ball), *meẽ* (to give), *yamî* (to squeeze), *mukûi* (two). Examples with **nh**: *nheengari* (to sing), *nheenga* (language), *kiínha* (pepper).

Another micro sociolinguistic aspect of Nheengatu mentioned in Navarro's grammar (2011) is about the use of the letter **W** instead of **U** in growing diphthongs (semivowel + vowel). For example: *kwatá* (monkey), **kariwa** (white men), **tuxawa** (chief). While in decreasing diphthongs (vowel + semivowel) **U** is used. For example: *yeréu* (to become into), *mundéu* (dress up), *muéu* (eraser).

In the text *Mayé yamunhã bñgu* there are a lot of words using nasal correspondents as: *purãga* (good), *ãbuesara* (student), (p. 9). Writers of the text chose to use nasal correspondents. Now they could also have written with the nasal correspondents in Nheengatu because the speakers follow the others languages like *baniwa* and *tukano* that they speak too.

Macro sociolinguistic approach of Nheengatu

The term macro sociolinguistic, according to Calvet (2002) is referred to the use and function of the language in its social context. It is an interaction between languages and their acquisition conditions, development and functioning in the social context.

The dissemination of the Nheengatu language through linguistic touch and its teaching in Amazon towns and villages made the conversion of the indigenous made by the Jesuits priests easier, as a way to make them part of the western society.

Thus, it is noticeable that the Nheengatu language had a significant role in the social context of that colonial time as the most relevant vehicular communication language to society from that time.

A lot of other indigenous language speakers stopped talking their mother tongues and started to use the Nheengatu as a first language. Because it has achieved the most talked language, Amazon fauna and flora were named in this language, and even after the hegemony of the Portuguese in Amazon, Nheengatu is still spoken for more than 20 thousand speakers, and is present in three countries: Brazil, Venezuela and Colombia.

Code switching in the indigenous community

Code switching, according to Calvet (2002) refers to the change of language or linguistic variety by the speaker according to the context of interaction that they are involved in.

This linguistic phenomenon described by Calvet (2002) is very common in indigenous communities in which the mother tongue is Nheengatu, or even as a second language, and it is bilingual in Nheengatu and Portuguese.

However, as all bilingual communities that have two linguistic codes tend to during the communication moments to use both codes in switched way, which is called at sociolinguistics' studies as code switching.

Let's see how code switching works: someone who is talking to other in Nheengatu, but during his speech it is introduced words or sentences in Portuguese, usually to give more importance to what is been spoken, for thinking that it was not enough the understanding of the other they are talking to in Nheengatu. Or even to think that the sentence or expression they want to say is clearer in the other language. Or even by an innate impulse, since those linguistic code flows naturally in their thoughts.

Let's see a dialogue transcribed by a record of a conversation between two bilingual speakers of the indigenous community Pisású Sarusawa (new hope), from the bottom Rio Negro, Manaus, Amazon:

— *Ixé nti kuri upusú siúa kumandamirí kwá akayú.*
— *Marantaá nti?*
— *Nhaásé amana nti uwari retana. Não choveu e as plantas morreram.*
(*Portuguese translation to English: It didn't rain and the plants died).

In the dialogue it is noticeable that one of the speakers used code switching replacing the sentence: *nti amana íwa-itá umanu ana*, in Nheengatu for “*não choveu e as plantas morreram.*”(*Portuguese translation to English: It didn't rain and the plants died).

Code switching is currently used inside bilingual indigenous communities which speak Nheengatu and Portuguese.

Loanword between Nheengatu and Portuguese

Loanword, according to Calvet (2002) is a collective phenomenon, in which languages loan words from one to another incorporating them into their own lexicon. This incorporation can be through the reproduction of the word without changing its pronunciation and writing, or through phonological and orthographic adaptation.

Examples of incorporation through reproduction of the word without changing its pronunciation and writing of Nheengatu to Portuguese: *paraná* (paramá), *paraná mirim* (paraná mirim), *ingá* (ingá), *urubu* (urubu), *pipira* (pipira). in English: branch river, small branch river, inga fruit, vulture, pipira bird.

Examples of incorporation through phonological and orthographic adaptation of Nheengatu to Portuguese: *pirarukú*

(pirarucu/ in English: pirarucu fish), *tukunaré* (tucunaré/ in English: peacock bass), *buya* (jiboia/ in English: boa constrictor/anaconda), *kurumim* (curumim/ in English: kid), *asú* (açú/ in English: adjective with a role function.

Examples of incorporation through reproduction of the word without changing its pronunciation and writing of Portuguese to Nheengatu: *compadre* (compadre/ in English: a godfather of a person in relation to the parent of this), *comadre* (comadre/ a godmother of a person in relation to the parent of this), *gripe* (gripe/ in English: flu), *saúde* (saúde/ in English: realthy).

Examples of incorporation through phonological and orthographic adaptation of Portuguese to Nheengatu: *Conhecer* (kunheseri/ in English: to know), *camisa* (kamixá/ in English: shirt), *gostar* (gustari/ in English: to like), *sabão* (sbão/ in English: soap).

In the text *Mayé yamunhã būgu*, pages 16, 18 and 22, we can find five words that the authors adapted from Portuguese to Nheengatu: *ilargura* (largura/ in English: whidt), *igrususa* (grossura/ in English: thickness), *irudela* (rodelá/ in English: disk), *travesa* (travessa/ in English: platter) and *umediri* (medir/ in English: to measure).

It is clear that there is an influence of the Portuguese language in the authors' writing in the text *Mayé yamunhã būgu*, since those words have their correspondents in Nheengatu: *tipupiresawa* (largura/in English: whidt), *turususawa* (grossura/ in English: thickness), *arakapá* (rodelá/ in English: disk), *akangapawa* (travessa/ in English: platter) and *musanga* (medir/ in English: to measure).

There are few Portuguese incorporations to the Nheengatu language. However, from the Nheengatu to the Portuguese language it is steamed that there are more than 10 thousand words that were incorporated, mainly words from the Amazon fauna and flora.

NHEENGAMUATIRESAWA

GLOSSÁRIO

Glossary

Ara – dia, claridade (Day)

Būgu – casco de tronco de árvore (Wood Canoe)

Garapá – porto, local de atracar embarcações (harbor)

Igara – canoa de tábua de madeira (canoe)

Igarapé – pequeno canal fluvial, afluente de rio (Small river)

Igarité – barco grande, embarcação de maior capacidade (Boat)

Igaritéasú – navio, transatlântico (Ship)

Ií – água (Water)

Itá – pedra, pequenos pedaços de rochas (Stone)

Kaá – mato, vegetação, folha (leaf)

Karuka – tarde, entardecer (Afternoon)

Mayé – como, de que forma? (How)

Mira – pessoa, gente (People)

Mirá – árvore, madeira (Wood)

Murakí – trabalho (Work)

Paraná – rio (River)

Paranáwasú – mar, oceano (Ocean)

Puranga – boa, bom (Good)

Tatá – fogo, fogueira (Fire)

Umbuesara – aluno, estudante (Student)

Upé – em (sentido locativo) (At)

Waá – pronome relativo - que (What)

Wasú - sufixo aumentativo: -ão, -ona, grande (suffix est)

Igapú – área de floresta inundada pela cheia dos rios (Rain forest)

Yaka-yaka – nascente do rio ou árvore que flutua (Float tree)

Yamunhã – construir, construção (Building)

Ypawa – lago (Lake)

Yuá - canoa cavada num só tronco de pau, sem falcas. (Trunk canoe)

PAPERAMUNHANGAWA

BIBLIOGRAFIA

Bibliography

BAGNO, Marcos (2017). *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola.

BESSA FREIRE, José Ribamar (2003). *Da língua geral ao português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. 2003. 239f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) -, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

CASANOVAS, Pe. Afonso (2006). *Noções de Língua Geral ou Nheengatu: gramática, lendas e vocabulário*. 2 ed. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/Faculdade Salesiana Dom Bosco.

COLOMBO, Cristovão (1984). *Diários de descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*; tradução Milton Persson. São Paulo: L&PM Pocket.

CRUZ, Aline (2011). *Fonologia e Gramática do Nheengatu: A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. Tese de Doutorado. Utrecht - The Netherlands: LOT.

FERGUSON, C. A (1959). *Diglossia*. Word 15: 325-340.

FISHMAN, J. A (1972). *Language in Sociocultural Change*. Stanford: Stanford University Press.

GUMPERZ, John J (2019). *Types of Linguistic Communities*. Anthropological Linguistics 4: 28-40, 1962.

LABOV, William (2008). *Padrões sociolinguísticos*; tradução Marcos Bagno et al. São Paulo: Parábola.

LIMA, Ademar dos Santos (2016). *Educação escolar indígena: um estudo sociolinguístico do nheengatu na escola Puranga Pisasú do rio Negro*,

Manaus, AM. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, Amazonas.

MAGALHÃES, Couto de (1957). *O sevagem*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Serviço de Documentação, s.d. p. 57.

METRAUX, Alfred (1948). *Handbook of South American Indians*: The Tupinamba. V. 3. Washington 25, D. C.

MOORE, Denny (2014). *Historical Development of Nheengatu*: Língua Geral Amazônica. In Mufwene, Salikoko S. (editor). *Iberian Imperialism and Language Evolution in Latin America* Chicago: University of Chicago Press.

NAVARRO, Eduardo Almeida (2016). *Curso de Gramática Geral*: nheengatu ou tupi moderno. 2 ed. São Paulo. USP.

NÉMETH, Peter Santos (2011). *O feitio da canoa caiçara de um só tronco: a cultura imaterial de uma nação, em 25 linhas*. Dossiê. São Paulo: Instituto Costa Brasilis.

Stradelli, Ermano (2014). *Vocabulário Português-Nheengatu, Nheengatu-Português*; revisão Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Ateliê Editorial.

UNESCO (2019). *Interactive Atlas of the World's Languages in Danger*.

The history of the origin of the wooden hull speaks about how people in the interior of the Amazonia make boats from a single tree trunk choosing the best wood to build one of the most used river transport in the colonial period of the Amazonia and still used in present.

Written in general Amazonian language, the nheengatu and in Portuguese and English, the story about the origin of the hull, the oldest transport in the Amazon region is told from the histories of indigenous students from São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brazil.

This fascinating history about the origin of the hull will certainly show you a new conception of life in the Amazonia as well as the experiences of men who cross in their hulls (canoes) the Amazon region from North to South and from East to West with their beautiful canoe also made of wood. A journey of experiences within a wooden trunk that can last a lifetime.

Boarding also on this hull trip along the rivers, paranás, igarapés and igapós and discover the fascinating Amazonia world while discovering the cultural and linguistic of a more riche multilingual region in the world - the Amazonia.

(Ademar dos Santos Lima)

Brasília – Brasil
2020